

Brasil Econômico – 11/04/2011

Aumento da segurança jurídica pode reduzir reajuste

Medidas do governo para elevar garantias dos empreendimentos podem conter pressão nos preços

A perspectiva de energia mais cara nos próximos leilões também é confirmada pelo presidente da subsidiária brasileira da GDF Suez, da França, Mauricio Bähr. O executivo pondera, no entanto, que a tendência só se confirmará, caso nada seja feito pelo governo para aumentar a segurança nos futuros empreendimentos. Líder do consórcio responsável por Jirau, o Enesa-que também reúne Camargo Corrêa, Chesf e Eletrosul -, a multinacional francesa ainda avalia os estragos causados pela rebelião dos operários.

"O que ocorreu em Jirau não foi uma reivindicação trabalhista, e sim um ato de vandalismo. Se os investidores tiverem a insegurança de que poderá ocorrer novamente, certamente isto terá que ser considerado na sua base de custos, no futuro", admite Bähr. "O seguro também ficará mais caro, certamente. É como em outros segmentos: se você tem aumento do número de roubo de carros, a tendência é que o seguro contra roubos fique mais caro."

Presidente do **Instituto Acende Brasil**, **Claudio Sales** confirma o que classificou de impacto sistêmico da crise de Jirau e Santo Antônio. Com experiência executiva não só do setor público - trabalhou na Eletrobras -, mas também do privado, **Sales** alerta que os custos ficarão mais caros mesmo para empresas não envolvidas nos projetos do Rio Madeira.

Um consultor que pediu para não ser identificado avalia que, no caso do Rio Madeira, as tarifas definidas para as usinas de Jirau e Santo Antônio seriam 10% a 20% mais caras, caso os dois consórcios não trabalhassem com a perspectiva de antecipação do cronograma das obras. Tal cálculo também vale para as novas usinas, de acordo com o consultor, que também vê um lado positivo na revisão da estratégia: "A antecipação do cronograma apertou demais os prazos das duas obras. Isso foi ruim para os empreendimentos, que passaram a demandar um contingente de operários muito difícil de administrar", avalia o consultor, que vê um erro adicional na estratégia de Jirau: "Como se não bastasse o equívoco de trabalhar com 20 mil operários, o consórcio de Jirau também contratou gente das mais diversas procedências, de lugares muito distantes. O certo se ria aproveitar mão de obra local, para minimizar alguns dos problemas verificados nos dois canteiros." O governo pretende leiloar 13 novas hidrelétricas ainda este ano, mas aguarda a definição do licenciamento ambiental para anunciar que projetos serão incluídos. Flavio Barra, da Andrade Gutierrez, revela interesse em três usinas do complexo Teles Pires, de 700 megawatts (MW), em Mato Grosso, e em cinco do delta do Parnaíba, de 650MW, no Piauí.